

AMADORENSES AJUDARAM A CONSTRUIR O CONVENTO DE S. DOMINGOS DE BENFICA

Por Alves Silva

Em 22 de Maio de 1399 D. João I – Rei de Portugal – entregou um terreno real, satisfazendo um pedido de João das Regras e de Frei Vicente de Lisboa para nele ser construído um mosteiro da ordem dominicana. Daí o topónimo São Domingos de Benfica, chegado aos nossos dias, a respeito do qual falaremos noutra oportunidade com mais detalhe.

Na construção do mosteiro trabalhou muita gente dos sítios da ora Amadora, do território de Benfica, dando o seu contributo não só com mão de obra, mas cedendo animais e carros de bois para o transporte de material, isto para além de alguns produtos alimentares, como pão e vinho.

Depois de construído o mosteiro, passou a realizar-se ali uma feira anual e festejos em honra do santo, com a participação de feirantes amadorenses e de gente devota destes sítios.

Quanto à igreja, razão deste escrito, refira-se que em 1624, o primitivo templo começou a ameaçar ruína, como medida cautelara, sido demolido, cuja primeira pedra da nova construção foi lançada em 29 de Junho, dia de São Pedro. O arquitecto da nova igreja foi, o então prior do Convento, Frei João de Vasconcelos. Passados sete anos (1632) foi celebrada a primeira missa, na Quinta-Feira Santa desse mesmo ano.

Com a expulsão dos frades em Portugal, em 1834, os conventos foram extintos e o de São Domingos foi também atingido por essa lei, motivo por que a igreja esteve fechada ao culto durante diversos períodos.

Reabriu ao público no dia 3 de Abril de 1904, dia de páscoa, depois de várias obras de restauro a cargo do Arquitecto Nepomuceno.

Passou, de novo, por uma mau período com a revolução de 1910, mas a vontade dos homens da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário conseguiu ultrapassar semelhante situação de abandono.

Com a criação da Paróquia de São Domingos de Benfica, isto em 1959, a Igreja ascendeu a Igreja Matriz até à inauguração do novo Centro Paroquial das Furnas, tendo a de São Domingos entrado em degradação acentuada. Em 2 de Julho de 1979, D. António II, Cardeal Patriarca de Lisboa, cedeu ao Vicariato Castrense para utilização da Força Aérea Portuguesa a Igreja e iniciaram-se as obras de restauro desta magnífica jóia Renascentista.

A nave da igreja, uma das mais imponentes, tem telas dos séculos XVII, XVIII e XX, sendo esta de Nossa

Senhora e o Menino a entregarem o rosário a São Domingos – (cópia feita por D. Rita Azevedo Barata Feyo em 1925).

Os retábulos dos altares constituem a melhor Talha Dourada do século XVII existente em Portugal, da autoria do Mestre de S. Domingos – Jerónimo Correia. O sacrário-baldaquino, do século XVII é peça única no mundo da talha sendo do mesmo autor os retábulos. Outras peças importantes encontram-se no Ante-Coro, como a sepultura de Frei Luís de Sousa e o Carneiro dos Morgados de Belas (a Amadora esteve durante alguns anos incorporada no concelho de Belas). O Coro dos Frades, bem como o túmulo de João das Regras e o sarcófago de Vasco Martins de Albergaria, do século XV, mereçam também uma citação especial. A Sacristia – Sala do Despacho, de 1680, mandada construir pela irmandade de Nossa Senhora do Rosário, também a estatua do século XVII, bem como as telas da mesma época, são admiráveis relíquias. Os azulejos, com a descrição de cenas da vida de São Domingos e de São Francisco de Assis, bem como os mármore da região de Lisboa e de Sintra, são dignos de ser apreciados.

Da capela de São Gonçalo, mandada construir em 1685 por D. Manuel Pereira (Dominicano eleito 1.º Bispo do Rio de Janeiro, toda construída em mármore, são dignas de apreço as colunas Salomonónicas da brecha da Arrábida).

Hoje a igreja é um templo da Força Aérea. Quando se fala nesta força militar não se pode deixar de pensar na Amadora, terra pioneira das grandes travessias aéreas, nos anos vinte e trinta deste século, a respeito das quais alguns escritores já tiveram oportunidade de realçar a importância de tais feitos.

Quanto ao serviço de assistência religiosa na Força Aérea, de registar que a 14 de Agosto de 1926, o então Cardeal Patriarca de Lisboa D. António Mendes Belo, reabriu ao culto a capela da Base Aérea de Sintra e ofereceu-lhe uma imagem à qual foi dado o título de Nossa Senhora do Ar, para, como já foi dito, em 1979, ter sido cedida à Força Aérea a Igreja de Nossa Senhora do Rosário, a qual ainda hoje é conhecida por Igreja de São Domingos de Benfica.

UM POUCO DE HISTÓRIA

– O Serviço de Assistência Religiosa na Força Aérea surgiu como uma exigência humano-Cristã do pessoal, Militar e Civil.

– Já na 1.ª Grande Guerra, os Aviadores Portugueses tiveram assistência Religiosa, garantida por Capelães Militares.

– Em 14 de Agosto de 1926, o então Cardeal Patriarca de Lisboa D. António Mendes Belo, reabre ao Culto a Capela da Base Aérea de Sintra e oferece-lhe uma imagem da Virgem à qual foi dado o título de Nossa Senhora do Ar.

– Em plena II Grande Guerra, em 1942, um Sacerdote católico, mais tarde nomeado Capelão Militar, acompanhou os Aviadores que formaram a 1.ª Base Aérea no Arquipélago dos Açores.

– Em 1954 entram mais 2 Capelães: Um para a B.A. 1 (Sintra) e outro para a B.A. 6 (Montijo).

– Em 31 de Dezembro de 1957, no Decreto-Lei n.º 41492, aparece, pela 1.ª vez, a existência oficial de Capelães na Força Aérea.

– No ano seguinte, foi criado o Quadro de Capelães com 10 lugares.

– No período da Guerra de África a FAP teve Capelães: Na Guiné, Angola e Moçambique.

– A Chefia do Serviço Religioso da Força Aérea faz parte do Comité Consultivo das Capelarias das Forças Aéreas da NATO.

– Desde 1942 até hoje, prestaram serviço na Força Aérea 96 Capelães.

– Nesta data, o número actual de Capelães é de 10.

